

Um poeta*

Wilson Martins

Prêmios Nestlé (1982) e Biblioteca Nacional (1997), louvado com entusiasmo por bons conhecedores como Adriano Espínola, Almeida Fischer, Artur Eduardo Benevides, Caio Porfírio Carneiro, Carlos d'Alge, César Leal, Domingos Carvalho da Silva e Fausto Cunha, não se pode dizer que Francisco Carvalho seja um poeta injustiçado, embora ainda espere o largo reconhecimento nacional a que tem direito (Memórias do espantelho. Poemas escolhidos. Fortaleza: UFC, 2004). Seu nome e sua obra não são mencionados com a frequência um pouco automática que os chamados órgãos de opinião reservam a Drummond, João Cabral e Ferreira Gullar, francos favoritos dos colunistas literários e críticos de ocasião. Mesmo com relação a Affonso Romano de Sant'Anna, os resenhistas ainda não se dispuseram a reconhecê-lo na alta e incomparável posição que é a sua (*Poesia reunida*. 2 vols. Porto Alegre: L&PM, 2004).

Refiro esses nomes todos por constituírem a constelação em que Francisco Carvalho se inclui e, justamente com ele, nos quadros da grande poesia brasileira contemporânea. Ora, é preciso dizer que, em conjunto, Francisco Carvalho nada perde no cortejo, tendo com eles, além de nível comparável de qualidade, os seus próprios impulsos de estilo, de sensibilidade e de pensamento, mais a visão particular que ao mesmo tempo os distingue individualmente, sem deixar de identificá-los no uso da "língua geral" da poesia. Em alguns poemas, cede à facilidade, a exemplo de tantos outros, mas, quando vence as dificuldades, é igual aos melhores, e, claro, está superior à média corrente.

Sua obra, como a de todos, é um diálogo permanente entre poetas, processo de empréstimos e reminiscências involuntárias (além das voluntárias...), é uma troca de visões e alucinações, sem esquecer as amistosas polêmicas implícitas: falando o idioma comum, cada um fala a sua língua pessoal. Os seus interlocutores, no espaço e no tempo, são Carlos Drummond de Andrade e Camões, Tomás Antônio Gonzaga e Murilo Mendes, Oswald de Andrade e Manuel Bandeira, para lembrar os mais evidentes, tanto em correspondências explícitas quanto no ar rarefeito das atmosferas. Sua arte poética é uma pará-

* *O Globo*, Rio de Janeiro, 05 mar., 2005

frase, se não uma transcrição drummondiana: “A poesia não se compraz com as tuas aflições/ não muda o rosto nem o gosto das coisas (...) O mais belo poema não acrescenta um átomo/ ao dinamismo rudimentar dos gametas (...)” — encadeando o primeiro Drummond com o das pornografia senis: “A poesia é uma cadela de olhos de cio/ que lambe as feridas da alma/ mas não afugenta os demônios do corpo”.

O diálogo com Drummond, que percorre praticamente todos os poemas, sem excluir o tom de voz, deixa o plano dramático para recuperar o Murilo Mendes dos versos satíricos: “Minha terra tem palmeira/ onde o sabiá não canta/ Minha terra passa fome/ porque não colhe o que planta” — na pauta da paródica canção do exílio com a qual Oswald de Andrade escreveu um dos seus poemas menos felizes, provando, mais uma vez, que, também na sátira, não existem gradações entre o medíocre e o pior. Há, nas letras universais, alguns temas por assim dizer carregados de poesia, como uma fonte radioativa de possibilidade. São tópicos em que os grandes poetas deixaram sua marca pessoal através dos tempos — inimitável e desafiadora, como, por exemplo, a história de Rute, tratada por Victor Hugo nos versos imortais e incomparáveis de “Booz endormi”: Et Ruth se demandait... Francisco Carvalho retomou no plano descritivo o que fora escrito no plano épico original (“Vai Rute aos campos de Booz”). É qualquer coisa como a passagem musical do tom alto para um mais baixo (campos de trigo e segadores, mais o “alfange veloz”), enquanto em Victor Hugo o campo é o céu estrelado onde algum ceifador jogara despreocupadamente a sua *faucille d’or*. Não se trata de julgar “inferior” o poema de Francisco Carvalho, mas de evidenciar os caminhos secretos da poesia, os processos mentais da criação.

No plano metafórico em que se deve escrever a lírica amorosa (e não do plano referencial, em que se exaurem sem sucesso os que escrevem prosa em versos), Camões deixou o soneto igualmente único de Labão e Raquel, assim immortalizando como quem não quer nada com a história de uma trantagem bíblica. Francisco Carvalho retomou-a em dois sonetos descritivos, assim como voltou a Tomás Antônio Gonzaga na “Pastoral de Minas”: “Fosse eu, Marília, algum pastor amado...”, temática idealizada em mais de um sentido. Num dos trabalhos críticos anexados a esta edição, Sérgio Campos refere-se aos “inúmeros poetas que lhe marcaram indelevelmente a trajetória. De Drummond, chega o autor a recriar poemas inteiros. Outros nomes de sua devoção: Joaquim Cardozo, Manuel Bandeira, Murilo Mendes (‘a poesia sopra onde quer’), Vinicius, Rilke, Lorca, Neruda, Saint-John Perse, Borges

(a quem dedica memoráveis sonetos) e Fernando Pessoa. Dialoga o poeta com grande intimidade com Álvaro de Campos, que acompanha nas divagações metafísicas, não raro amargas”.

Confirmando ser parnasiano o tropismo natural da poesia literária (exigindo alto pensamento, rigor técnico, disciplina formal, beleza plástica e cultura), Francisco Carvalho pratica habitualmente o verso regular, mesmo quando parece abandoná-lo. A tentação parnasiana surge até materialmente nos seus primeiros livros, com os poemas descritivos de animais, quero dizer da “forma” dos animais (a aranha, o elefante, o tigre, a tartaruga...).

Contudo, se pensarmos no que a inspiração tem etimologicamente de visionário, é possível aceitar o delírio profético como uma das vertentes autênticas da poesia, a exemplo da “Ode visionária”: “Vi as arcadas do céu/ Desabarem sobre mim/ Vi Dante ao violoncelo/ E Homero tocar flautim./ Vi as falanges do espaço/ E o seu fulgor ondulado/ Vi o arcanjo Gabriel/ montado num leopardo (...).”

Em outras palavras, na poesia literária, o realismo é surrealista, no sentido próprio da palavra, além do convencional — o sentido que os puristas chamam de “supra-realista”, visão oracular, linguagem cifrada e conotações simbólicas. É nessa chave que se inscreve o característico processo reiterativo de Francisco Carvalho, muitas vezes mecânico e gratuito, como, entre tantos, no falso poema concreto “Reação em cadeia”. Ainda assim, não se lhe pode negar o caráter encantatório, litania verbal que nos envolve e domina para além da palavra escrita.